

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 22 - número 43 - março 2013

vol. 22 - número 43 - março 2013

Fundação Eng. António de Almeida



possível prosseguir uma investigação documental fiável sobre as obras atribuídas a Pedro Hispano, considerando-se indispensável para o estudo dos domínios que abrange em qualquer contexto académico, em Portugal e extra fronteiras.

Paula Oliveira e Silva

Joaquim Braga, *Die symbolische Prägnanz des Bildes. Zu einer Kritik des Bildbegriffs nach der Philosophie Ernst Cassirers*, Reihe Philosophie Bd. 39, Freiburg, Centaurus Verlag, 2012, 219 pp.

O estudo sobre o conceito de “imagem” desenvolvido por Joaquim Braga foi apresentado em 2010, como dissertação filosófica, ao Instituto de Filosofia da Humboldt-Universität zu Berlin. Em Novembro do mesmo ano, o autor defendeu, com sucesso, a sua tese de doutoramento. As investigações de Braga – que foram supervisionadas por Oswald Schwemmer – dedicam-se aos tópicos centrais e actuais da filosofia da cultura, das teorias filosóficas da imagem e da arte e às doutrinas da percepção. Além disso, fornecem uma contribuição assaz significativa para os estudos internacionais sobre Ernst Cassirer, principalmente num domínio filosófico da sua obra que tinha sido, até agora, pouco aprofundado: o autor toma como tarefa o intento de clarificar “em que medida, e em que condições, a imagem pode ser pensada como um símbolo cultural, bem como se processa a relação entre o seu espectro simbólico com as formas simbólicas” da cultura (p. 12). A convincente ideia de fundo de Braga está ligada à intenção de remeter “a relação entre imagem e cultura para os modos de simbolização basilares que permitem essa relação” (p. 13).

Para cumprir tal tarefa, o filósofo formula quatro questões, cujas respostas são articuladas e desenvolvidas, de forma hábil e inovadora, com base em uma extensa pesquisa filosófica. A resposta da questão concernente à relação entre imagem e modos de simbolização – isto é, formas culturais – exige uma clarificação da relação entre sensibilidade e sentido (p. 13), o que leva Braga a trazer à reflexão algumas das mais fundamentais teorias da percepção. A segunda questão, que põe em jogo a articulação entre processos de percepção e processos de simbolização, conduz o autor para o problema da integração de percepção e significação (p. 15). À terceira questão está reservada a tematização da conexão de imagem e percepção através da “função mediadora do sentido” (p. 16). E, finalmente, a quarta questão, que encerra uma determinação normativa do próprio conceito de imagem, baseada nas modalidades de sentido relativas às formas de simbolização imagéticas; determinação essa que impõe uma fundamentação da individualidade da imagem como *medium* cultural (p. 18), nomeadamente a partir da diferença que se expressa nas imagens estético-artísticas (obras de arte).

Os dois primeiros capítulos da obra – *Imagem e Presença* (pp. 21-44) e *Imagem e Representação* (pp. 45-66) – oferecem uma crítica das teorias da imagem de Edmund Husserl e Nelson Goodman, ao passo que o terceiro – *Imagem e Cultura* (pp. 67-96) – e o quarto – *Articulação e Sentido* (pp. 97-134) – capítulos exibem uma interpretação própria, bem elaborada e consistente da teoria da imagem, que, realizada a partir de uma reformulação moderna e actual da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer, supera os limites impostos pelas teorias husserliana e goodmaniana. Esta interpretação vai servir de alicerce teórico para a reflexão elucidativa e convincente exposta no quinto capítulo – *Pregnância e Expressão* (pp. 135-168) – e no sexto – *Forma e Diferença* (pp. 169-206) –, nos quais Braga, tendo como referência a teoria do símbolo cassireriana, desenvolve a sua própria visão filosófica, tanto da imagem em sentido lato como, especialmente, das formas imagéticas estético-artísticas.

No capítulo *Imagem e Presença*, que trata da suspensão da dimensão cultural operada pela descrição fenomenológica da imagem husserliana, é feita uma crítica perspicaz à ideia de semelhança, sugerida pelos conceitos de “coisa-imagem” (*Bildding*), “objecto-imagem” (*Bildobjekt*) e “sujeito-imagem” (*Bildsujet*) presentes na filosofia de Husserl. Uma vez que a concepção husserliana não adopta qualquer articulação simbólica entre *Bildobjekt* e *Bildsujet*, mas antes uma diferença ontológica entre representante e representado, ela também não pode, segundo Braga, servir como fundamento para uma moderna teoria filosófica da imagem, pois a consciência de imagem é por ela concebida apenas como “consciência do real e do fictício, desprovida das dimensões simbólicas e culturais” (p. 43). O capítulo *Imagem e Representação* está centrado na teoria goodmaniana do “processo de denotação semiótico da imagem”, cuja especificidade decorre da natureza sígnica da função de representação (p. 45), opondo-se, deste modo, à ideia de semelhança defendida por Husserl. Porém, e dado que aqui o símbolo não depende de uma fundamentação cultural, mas antes de uma mera determinação convencional imposta pela referencialidade (denotação) do signo, isso faz com que Braga veja nesta doutrina da imagem – e com razão – uma proficuidade teórica bastante exígua. Além disso, o autor levanta uma série de objecções à distinção rígida entre formas de mediação linguísticas (descrições) e visuais (representações). A crítica de Braga da teoria da denotação (p. 65ss.) revela-se convincente em todas as suas facetas.

Em suma, o autor conclui, de forma lapidar, que as concepções de Husserl e Goodman não permitem uma “aproximação filosófico-cultural ao conceito de imagem” (p. 67). A base teórica da imagem como *medium* cultural é, em contraste, remetida para o conceito de “articulação” (p. 68). A questão sugestiva “palavra *contra* imagem?” é substituída pela formulação seguinte: linguagem e imagem como dois médiuns culturais inclusivos, que partilham ambos da característica da expressividade (p. 71). A concepção cassireriana do símbolo, ancorada na reflexão sobre as formas simbólicas, oferece-nos, precisamente, uma tal abordagem. De

acordo com esta concepção, a articulação tende a realizar múltiplas formas de configuração sensíveis (incorporação), nomeadamente aquelas que dizem respeito à fixação sensível das formas simbólicas. Tal como é inferido por Braga da filosofia cassireriana, as reflexões subsequentes sobre o conceito de imagem vão exigir, nessa linha de argumentação, o reconhecimento do “papel activo” da sensibilidade (pp. 72, 77). Isto faz com que o conceito de articulação surja como traço fundador de cada configuração simbólica (isto é, a estruturação de uma forma expressiva), não sendo por isso, como assume erroneamente Goodman, exclusivo das formas linguísticas (p. 78). Concebida como forma de expressão através de signos e imagens, a articulação devém “incorporação sensível”, e a forma revela-se como forma incorporada (p. 86ss.) – o que implica a actividade do sensível. Da análise das obras de Cassirer e Susanne Langer, retira Braga a ideia de que a “estrutura das superfícies materiais” em que a articulação se inscreve, atravessa o processo de configuração simbólico, pois este integra simultaneamente momentos sensíveis e significativos (p. 89). Contudo, resta saber como é estruturada culturalmente a percepção, como são accionados os múltiplos processos de simbolização. Esta questão é colocada e aprofundada por Braga no capítulo *Articulação e Sentido*, que se mostra vital para a fundação da sua própria teoria da imagem.

As diversas modalidades de sentido – isto é, formas de articulação – são aclaradas eficazmente pelo autor com a ajuda do conceito cassireriano de “pregnância simbólica” (*symbolische Prägnanz*). Esta inclusão da *Prägnanz* significa, por outro lado, que a própria percepção tem de ser compreendida dentro do processo simbólico da articulação. Neste contexto, formula Braga uma crítica perspicaz aos paradigmas ecológicos da percepção, como aqueles defendidos por James Gibson e Wolf Singer (p. 102ss.). Mas se uma determinada modalidade de sentido é interpretada como um *a priori* da experiência, pertencendo, nesse aspecto, a uma forma de pregnância simbólica específica (p. 109ss.), então é imperioso perguntar como se individua cada forma – a pregnância estético-artística, por exemplo – face às demais. Dando continuidade à exploração da filosofia cassireriana, Braga estabelece uma distinção entre apreensão da forma “fisiognómica” (visão atmosférica) e apreensão da forma “diferenciada” (visão individualizada) (p. 120ss.), apresentando esta última diferentes “constelações” simbólicas, como, por exemplo, os “modos de *ver-através*” inerentes à pregnância das formas imagéticas não-artísticas (p. 123ss.). (Uma questão pertinente a colocar seria a de saber se estes “modos de *ver-através*” são simplesmente *apurados* ou, pelo contrário, *herdados*.) Assim, o processo de pregnância simbólica conduz a uma verdadeira transformação da percepção sensível, já que entre pregnância e representação ocorre um movimento de intermutabilidade graças ao qual resulta o acoplamento entre articulação simbólica e configuração sensível.

Com esta reflexão, Joaquim Braga revela-se não só como um excelente conhecedor das teorias cassirerianas da percepção, do símbolo e da cultura, mas também como um intérprete que, intentando fundamentar “a imagem como sím-

bolo cultural”, traz pela primeira vez à reflexão, e em vários pontos decisivos, a filosofia cassireriana da imagem. Como nos mostram os dois últimos capítulos da obra, a interpretação das concepções de Cassirer proporcionou ao autor o desenvolvimento singular de uma abordagem teórica das formas imagéticas estético-artísticas. No capítulo *Pregnância e Expressão*, o filósofo apresenta e fundamenta a sua tese de que também “a articulação dos sentimentos é acoplada à formação da pregnância da imagem” (p. 135). Esta ideia torna-se particularmente visível através da confrontação que é efectuada entre consciência de imagem *mítica* e consciência de imagem *artística*. Braga argumenta que os sentimentos também desfrutam de uma “estrutura interna” – e, com isso, de uma *symbolische Prägnanz* –, que, na expressão dos sentimentos, vai proporcionar a articulação simbólica e cultural entre sentido e sensibilidade (p. 138ss). Este processo ocorre graças à transformação das expressões do sentimento em imagens, em “manifestações sensíveis articuladas” (p. 142). Neste contexto, a reflexão de Braga é uma descrição impressionante e instrutiva da consciência de imagem mítica e da expressão do sentimento como execução mágica e procedimento de ritualização. A questão concernente à “natureza da transformação [da expressão do sentimento – C.M.] e sua respectiva dinâmica” é introduzida pelo filósofo através da distinção entre *carácter de correspondência* e *carácter de imanência* da imagem, o que equivale à distinção entre formas artísticas e formas convencionais (p. 145). Nas formas imagéticas míticas, a relação entre expressão e sentimento é estruturada como processo de pregnância através do carácter de correspondência, ostentando aqui o simbolizado um primado sobre o substrato sensível do símbolo – não havendo, por isso, genuína expressão da dimensão pictórica da imagem. Isto transporta em si uma perda da expressão da imagem. O enfraquecimento da articulação e da expressão da imagem vai ser superado pelo carácter de imanência presente nas configurações simbólicas picturais da consciência estética, o que requer desta última uma visão diferenciada dos momentos expressivos e representativos da imagem. Braga chega à conclusão de que uma teoria estética radicada puramente nas emoções – como a de Benedetto Croce – não tem qualquer fundamento filosófico. Como se pode ler na notável exposição final do quinto capítulo, os sentimentos “não são percebidos e transmitidos de forma passiva; eles apresentam-se antes como um momento activo e capital da formação de pregnância e da relação simbólica” (p. 168).

O último capítulo da obra – *Forma e Diferença* – é dedicado à questão da diferença das várias formas imagéticas artísticas, que responde à sua individualização. A análise da experiência estético-artística é reenviada para o conceito de *symbolische Prägnanz*. Aqui, e de modo exímio, vai distinguir o filósofo dois caminhos: o “caminho para a imagem” (*criação-obra-percepção*) (p. 170ss.) e o “caminho para a realidade” (*obra-percepção-mundo*) (p. 198ss.). Se o movimento alusivo ao carácter de correspondência significa um “caminho para fora da imagem”, porque serve um propósito extra-pictórico, já o movimento concernente

ao carácter de imanência revela um “caminho para a imagem”, através do qual é prosseguida a autarquia do estético. Segundo Braga, decorrem daqui duas observações: em primeiro lugar, o médium cultural “imagem” não é uma configuração simbólica *puramente* autónoma; e, em segundo lugar, o caminho para a imagem artística está dependente da natureza simbólica de outras formas imagéticas. O “caminho para a imagem [estética – C.M.]” como um “caminho para a forma” é, segundo o autor, traçado graças a uma emancipação progressiva face a outras formas simbólicas, pressupondo, por via disso, a imanência da formação do sentido (p. 176). Assim, ao modo de pregnância da consciência de imagem corresponde uma “individualização do sensível”. Aludindo a Cassirer, o filósofo vê nas formas estéticas e na sua “suspensão da pregnância da percepção quotidiana” um dos primeiros caminhos para a consciência cultural do ser humano (p. 179). Por outro lado, a teoria estética cassireriana é pormenorizada pelo autor para determinar a imanência da organização interna das formas imagéticas artísticas, imanência essa que, no que concerne à formação de pregnância, resulta de uma “inversão estética do processo de simbolização” (p. 182). Concebida como transformação material singular, a “criação da forma” ajuda a sustentar essa inversão, bem como a própria “individualização da forma” que garante a “originalidade estética” das formas imagéticas artísticas (p. 188).

A última temática abordada por Braga diz respeito à questão pertinente de uma tendência de distanciamento e alheamento face às vivências sensíveis, que, embora redunde dos processos de simbolização, tende a ser parcialmente invertida pela arte, como se infere da filosofia de Cassirer. A forma simbólica da arte fornece, nesse sentido, “uma espécie de resistência contra o [...] processo de simbolização” (p. 202), permite a reconfiguração do sensível através do extra-pictórico. A arte mantém, de facto, uma “referência original ao mundo”, realizada pela individualização da visão artística. Daí advém a interessante conclusão sobre a teoria filosófica da imagem como *obra de arte*: o caminho para a imagem é, simultaneamente, um caminho (peculiar) para a realidade.

Sintetizemos a nossa apreciação: a reflexão de Joaquim Braga sobre o conceito de imagem oferece uma aproximação inteligente e original quer aos domínios da filosofia da cultura, da teoria filosófica da arte e imagem quer à própria filosofia da percepção. Uma vez que é também uma contribuição independente e inovadora para os estudos sobre Cassirer – em especial para a área de investigação actual relativa à filosofia da arte cassireriana –, esta reflexão proporciona ao leitor interessado uma valiosa introdução a muitas questões da inquirição filosófica contemporânea.

Christian Möckel